

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO, RJ, 10 DE
DEZEMBRO DE 1998

Senhoras e Senhores,

Estou fascinado pela qualidade excepcional desta edição, que, além dos excelentes textos de análises do Embaixador Seixas Corrêa e de Rosendo Fraga, nos traz um riquíssimo material iconográfico sobre as visitas de Júlio Roca e Campos Salles, que marcaram um momento crucial, na história diplomática, de aproximação dos nossos dois países.

Mas o que estamos celebrando aqui, cercados de importantes pintores que aqui estão, argentinos e brasileiros, sobretudo, Embaixador, porque foram descobertas aqui telas argentinas de excelente qualidade, é mais do que o lançamento de um livro, é uma lição de história que enriquece a memória da amizade entre brasileiros e argentinos.

É a memória de alguns dos episódios fundadores de uma relação de cooperação que, nos dias de hoje, se converteu em verdadeira aliança estratégica, enraizada na comunhão de valores e de interesses em um processo cada vez mais profundo de integração no âmbito do Mercosul.

Os encontros entre Roca e Campos Salles, em 1889 e 1900, são símbolos dessa relação histórica.

É, portanto, uma feliz coincidência que o lançamento deste livro ocorra durante uma reunião presidencial do Mercosul, quando temos o privilégio da presença, no Rio de Janeiro, não apenas do Presidente da Argentina, mas também dos Presidentes da Bolívia, do Chile, do Paraguai e do Uruguai, que nos honram com a sua participação – dois deles nesta cerimônia, os outros dois tiveram que viajar, mas estiveram presentes no nosso encontro.

Fala-se muito, hoje, na diplomacia presidencial. Na época de Roca e de Campos Salles, a circunstância era mais solene, ainda com sabor oitocentista. Hoje, as facilidades de transportes e de comunicações em nosso tempo tornaram os contatos entre chefes de Estado mais frequentes e menos protocolares.

O Presidente Menem e eu falamos pessoalmente e por telefone sempre que necessário. Eu quero até dizer, de público, e agradecer, que o Presidente Menem, em qualquer acontecimento no Brasil que lhe pareça de relevo e tenha um conteúdo que seja de eventual dificuldade para mim ou para o Brasil, ou que seja de celebração, nunca deixou de me telefonar. É tão comum isso que nem comunico mais à imprensa, porque passou a ser algo como uma relação pessoal entre nós dois. E o fazemos, portanto, com a normalidade que existe em uma relação entre amigos. Isso é um processo. Um processo de integração, na medida em que os dois presidentes são, em cada país, os que possuem, por dever de ofício, a visão mais ampla dos temas, sendo capazes de dar a cada tema a sua dimensão, que esperamos, sim, seja adequada, e atentos aos melhores interesses dos dois países, que são não apenas de hoje, mas de longo prazo.

É claro que a diplomacia presidencial só pode ter êxito, se está respaldada - como ocorre no nosso caso - pelo trabalho das chancelarias, que dá expressão concreta, no cotidiano, às convergências de interesses entre os dois países. Quero dar aqui um testemunho da dedicação e da liderança exercida pelos Ministros Di Tella e Lampreia nesse sentido. Estou certo de que, se disse há pouco que o Presidente Menem e eu conversamos com muita frequência, a conversa entre os dois é com maior frequência ainda. E desconfio, Presidente, que eles se encontram para jogar golfe de vez em quando e não nos dizem.

Ao mesmo tempo, é inegável que a amplitude das relações entre Brasil e Argentina já extravasa em muito a capacidade de acompanhamento detalhado pelos dois Presidentes. E isso também é importante para o processo de integração. Talvez a melhor medida do êxito de um processo dessa natureza seja o fato de que a integração alcança um dinamismo próprio e já não é, nem poderia ser, um roteiro escrito, dirigido, encenado e representado exclusivamente pelos governos. Isso significa que a integração já é obra das forças vivas da sociedade, dos que trabalham e produzem a riqueza.

Dessa forma, o peso sobre os ombros dos Presidentes fica aliviado. Continuamos a acompanhar o processo e a impulsioná-lo. Mas ele já tem vida própria, respondendo a interesses legítimos de parte a parte. Podemos contribuir para que ele siga pelo melhor caminho, mas temos certeza de que ele já não depende de nós.

Mas isso não era assim na virada do século XIX para o século XX. No plano histórico, o que estava em jogo era essencialmente a mesma percepção de que Brasil e Argentina deveriam caminhar lado a lado, consolidando a sua amizade e construindo uma história comum de cooperação cada vez mais profunda. Mas havia ainda uma inércia a ser vencida, sendo, portanto, maior o esforço exigido por parte das lideranças.

Hoje, quando os vínculos de cooperação já se expandiram de forma exemplar e passam a conhecer uma complexidade e uma diversidade sem precedentes - cobrindo praticamente todos os aspectos da vida social: da cultura à economia, do comércio à política -, torna-se imprescindível que se resgate, para as novas gerações, a memória de nossa história comum. Este livro traz uma contribuição importantíssima para isso.

E é significativo que isso se faça sob o patrocínio conjunto da Petrobras e da YPF, que, juntas, estão escrevendo uma nova página de cooperação entre Brasil e Argentina. Eu fiquei invejoso, Presidente Menem, de uma só coisa: é que nunca fizeram um hino para nós, nessas visitas que fazemos. Pelo menos um samba. Algum dia desses há de aparecer. Mas eu quero aproveitar para dizer que a sensibilidade de quem fez esse hino foi excepcional. E foi-nos extremamente grato escutar o hino que escutamos agora. E eu só lhe pude oferecer, para compensar a falta de

hino, a música que tomamos emprestado da Bolívia, que era a música barroca, que nós ouvimos nesses corredores. Não é do Brasil. Mas, com a integração do Mercosul, a música barroca boliviana é um pouco a música de cada um de nós. E foi uma música belíssima e, também, espero que os que tocaram tão bem, aqui, possam ter o prazer de ouvir um pouquinho dessa música barroca boliviana.

Por tudo isso, quero deixar aqui meus agradecimento ao Presidente Menem e meus parabéns a todos os que participaram deste trabalho, desde o que me disse hoje ser o dono do Museu, que é o Ministro Weffort, mas especialmente a Dona Heloísa Lustosa, que, com este Museu e com todo este encontro, foram capazes de nos mostrar a riqueza de nosso passado comum. E isso tudo reforça em nós a convicção de um futuro cada vez mais fraterno e mais promissor.

Muito obrigado.